

## HANSENOLOGIA INTERNATIONALIS

### **Crianças "leprosas", antes e depois do "Ano"**

EDITORIAL

Quando este editorial estiver em impressão o ano de 1979 estará chegando ao fim. Esperamos, sinceramente, que as crianças de todo o mundo, de todas as raças e nacionalidades, pobres ou menos pobres, doentes ou saudáveis, tenham sido de alguma forma beneficiadas pelas numerosas e largamente publicadas atividades ocorridas durante este "Ano Internacional da Criança".

Entretanto, as crianças com "lepra" que, para o cidadão comum, não passavam de "leprosas" antes do "Ano", continuarão "leprosas" depois do "Ano" e rejeitadas para sempre.

"Nada disso", poderá ser a conclusão eventual de possíveis artigos escritos sobre o "Ano", repetindo que "as coisas são diferentes agora", "o estigma está declinando", "o público está sendo esclarecido", "a lepra é apenas uma doença como as outras", "curável" etc.

Ver para crer. Creremos quando virmos uma criança informar calmamente à professora que chegou tarde por causa da demora na "clínica de lepra" — sem que a

turma debande aterrorizada, precedida ou seguida pela própria professora; ou quando uma criança com algumas lesões tuberculóides de "lepra" possa brincar com seus amiguinhos — sem transformar o "playground" num Sahara instantâneo.

Haverá quem prefira esperar que tais fatos venham a ocorrer um dia. Nós, não. E convidamos outros países endêmicos a seguirem o exemplo do Brasil, Portugal, Bolívia e Costa Rica.

Aferramo-nos aos nossos princípios, que são, precisamente, os princípios mais elementares da comunicação: não há educação com "rótulos de potência primária", anti-educativos por sua própria natureza, não há esclarecimento com o epíteto mais obscurantista da história.

Esses princípios estão provados — e todo o mundo não-leproológico sabe disso. Nenhuma dose de "wishful thinking" imunizará a infância contra o leprostigma, a rejeição social, o ocultamento e o agravamento de sua hanseníase.

A. ROTBERG